



**FÁVARA, Tatiana. Pesquisas se intensificaram na década de 90.
Correio Popular, Campinas, 23 maio 2004.**

Pesquisas se intensificaram na década de 90

O Instituto Agrônomo (IAC) tem seu programa de melhoramento de arroz há mais de 50 anos. Os tipos especiais é que começaram a ser estudados em na década de 90. “Apesar de tudo o que aconteceu no governo Collor, houve uma certa abertura às importações. Muitos produtos do exterior entraram aqui como novidade”, lembra o diretor do IAC, Cândido Ricardo Bastos. “Depois, no começo do Plano Real, com a moeda valorizada, muita gente foi fazer turismo fora do Brasil – que na época chegou até a ser mais barato do que viajar aqui – e teve contato com uma culinária mais exótica. Fatores como esses permitiram a entrada de produtos como as variedades de arroz especial”, afirma.

A tevê também foi responsável pela

divulgação do uso desse tipo pouco comum de arroz nos pratos preparados pelas donas de casa brasileiras. “A visibilidade em programas de culinária que já existiam em canais abertos tornou-se ainda maior depois do boom da tevê por assinatura”, recorda Bastos.

Os pesquisadores do IAC intensificaram, então, as pesquisas sobre arroz arbóreo (típico italiano, usado para a produção de risotos), gohan (arroz utilizado na culinária japonesa), aromático (comum na cozinha tailandesa) e arroz preto (um tipo de arroz integral mais sofisticado, usado em pratos contemporâneos e exóticos). “A razão de trabalharmos com esses tipos de arroz foi, sobretudo, fazer um produto nacional”, diz Bastos.

Em 2001, o instituto lançou o IAC 500, variedade de arroz aromático. Com origem nas planícies centrais da Tailândia, esse tipo de arroz possui sabor natural amanteigado e vem ganhando cada vez mais apreciadores. A cultivar foi lançada com enfoque nas lavouras de arroz do Estado de São Paulo. O objetivo foi garantir, além de uma semente adaptada para as características da região, um produto mais acessível e maior assistência técnica ao produtor: “Se eu trouxer uma variedade de arroz de Santa Catarina, por exemplo, para plantar em solo paulista, pode até dar certo, mas isso não é tão comum. Além disso, a produtividade que lá pode ser muito boa, aqui dificilmente chegará aos mesmos índices”, pondera Bastos.